

ANO PAULINO

SÃO PAULO NA PREGAÇÃO DE S. JOSEMARIA ESCRIVÁ

JORGE MARGARIDO CORREIA *

Como aconselhava o Padre António Vieira, no dia dos Santos, mais do falar deles, será bom falar como eles. E se isto se aplica a cada Santo do calendário litúrgico, muito mais se aplica ao Ano Paulino, que o Santo Padre estabeleceu na Igreja, a partir do dia 28 de Junho, Véspera da Solenidade de S. Pedro e S. Paulo. Vamos pois recordar alguns ensinamentos de S. Josemaria em que ele deu a voz a S. Paulo.

1. Filiação divina

Para a mensagem espiritual do Fundador do Opus Dei, era essencial a consideração da filiação divina como resposta ao amor misericordioso de Deus Pai, ilustrado por Jesus na parábola do filho pródigo.

«*Ainda estava longe – diz a Escritura – quando o pai o viu e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço cobrindo-o de beijos (Lc 15,20).* Estas são as palavras do livro sagrado: *cobrindo-o de beijos!* Pode-se falar mais humanamente? Pode-se descrever com mais vivacidade o amor paternal de Deus para com os homens?»

«Perante um Deus que corre para nós, não podemos calar-nos e dir-Lhe-emos com S. Paulo: *Abba, Pater!* Pai! Meu Pai! (cf. *Rom 8, 15*). Pois, sendo Ele o Criador do Universo, não dá importância a títulos altissonantes, nem sente falta da justa confissão do seu poderio. Quer que Lhe chamemos Pai, que saboreemos essa palavra, enchendo a alma de alegria» (*Cristo que passa*, 64).

* Excerto da homilia pronunciada na Igreja da Trindade (Porto), no dia 26 de Junho passado, na celebração festiva de S. Josemaria Escrivá, Fundador do Opus Dei.

Esta filiação divina vive-a o cristão no meio do mundo, sabendo que as realidades temporais podem ser bem ou mal vividas e usadas pelos homens. Daí o dever de santificar essas realidades, elevando-as à ordem da graça, sem querer afastar-se do mundo.

«O sentido cristão autêntico – que professa a ressurreição de toda a carne – sempre combateu, como é lógico, a *desencarnação*, sem receio de ser julgado materialista. É lícito, portanto, falar de um *materialismo cristão*, que se opõe audazmente aos materialismos fechados ao espírito...»

«Compreende-se, meus filhos, que o Apóstolo pudesse escrever: *todas as coisas são vossas; vós sois de Cristo e Cristo de Deus (1 Cor 3,22-23)*. Trata-se de um movimento ascendente que o Espírito Santo, difundido nos nossos corações, quer provocar no mundo: da terra até à glória de Nosso Senhor. E para que ficasse claro que nesse movimento se incluía até o que parece mais prosaico, S. Paulo escreveu também: *quer comais, quer bebais, fazei tudo para glória de Deus (1 Cor 10,31)*» (*Temas actuais do Cristianismo*, 115).

2. O trabalho dos filhos de Deus

Esta visão de vida cristã aplica-se, de um modo muito concreto ao trabalho humano: fazer tudo por Amor, com espírito de liberdade.

«E como é que vou conseguir - parece que me perguntas – actuar sempre com esse espírito, que me leve a concluir com perfeição o meu trabalho profissional? A resposta não é minha. Vem de S. Paulo: *Trabalhai varonilmente, sede fortes. Que tudo, entre vós, se realize na caridade (1 Cor 16, 13-14)*».

«Sensibiliza bastante meditar calmamente o comportamento de S. Paulo: *De facto, vós sabeis como deveis comportar-vos para nos imitardes, porquanto não fomos, entre vós, preguiçosos, nem foi a expensas alheias que comemos o pão, de quem quer que fosse, mas trabalhámos noite e dia, entre fadigas e privações, para não sermos pesados a nenhum de vós... Daí a razão por que, justamente quando nos encontrávamos entre vós, vos intimávamos que se alguém não quer trabalhar, abstenha-se também de comer (2 Tess 3, 7-10)*» (*Amigos de Deus*, 68-69).

Para isso, não basta uma boa intenção, mas é preciso pôr em acção e desenvolver uma série de virtudes.

«Portanto, meus caríssimos irmãos – de novo a voz de S. Paulo –, *permaneça firmes e inabaláveis, sempre generosos em trabalhar para o Senhor, sabendo que o vosso trabalho não fica sem recompensa de Deus*» (*1 Cor 15, 58*).

«Vedes? É todo um conjunto de virtudes que pomos em jogo ao desempenhar a nossa profissão, com o propósito de a santificar: a fortaleza, para perseverarmos no nosso trabalho, apesar das naturais dificuldades, sem nos deixarmos vencer pelo abatimento; a temperança, para nos gastarmos sem reservas e para superarmos a comodidade e o egoísmo; a justiça, para cumprirmos os nossos deveres com Deus, com a sociedade, com a família, com os colegas; a prudência, para sabermos o que convém fazer em cada caso e lançarmo-nos à obra sem demora...».

«E tudo, insisto, por Amor, com o sentido vivo e imediato da responsabilidade do fruto do nosso trabalho e do seu alcance apostólico» (*Amigos de Deus*, 72).

3. A missão apostólica dos filhos de Deus

O trabalho é também apostolado, ocasião de entrega aos outros homens, para lhes revelar Cristo e levá-los até Deus Pai, consequência da caridade que o Espírito Santo derrama nas almas.

«Entre as indicações que S. Paulo dá aos de Éfeso sobre como deve manifestar-se a mudança que supôs neles a sua conversão, a sua vocação ao Cristianismo, encontra-se esta: *o que furtava, não furtar mais, mas trabalhe ocupando-se com as suas mãos nalguma tarefa honesta para ter com que ajudar a quem tenha necessidade* (cf. *Ef 4, 28*)» (*Cristo que passa*, 49).

Este exemplo de naturalidade e de zelo não deixa de manifestar os seus frutos apostólicos.

«Admirai também o comportamento de S. Paulo: prisioneiro, por divulgar os ensinamentos de Cristo, não desaproveita ocasião alguma para difundir o Evangelho. Diante de Festo e Agripa, não duvida em declarar: *Graças ao auxílio de Deus, perseverarei até ao dia de hoje, dando testemunho da verdade a pequenos e grandes, não pregando senão o que Moisés e os profetas disseram que havia de suceder: que Cristo havia de padecer, e que seria o primeiro a ressuscitar dos mortos, e que anunciará a luz a este povo e aos gentios*».

«O Apóstolo não se cala, não oculta a sua fé nem a actividade apostólica que tinha provocado o ódio dos seus perseguidores; continua a anunciar a salvação a toda a gente. E, com uma audácia maravilhosa, enfrenta-se com Agripa: *Crês, ó rei Agripa, nos profetas? Eu sei que crês*. Quando Agripa comenta: *Por pouco não me persuades a fazer-me cristão*, Paulo disse-lhe: *Prouvera a Deus que, por pouco ou muito, não somente tu, mas também quantos me ouvem se fizessem hoje tais como eu sou, menos estas cadeias* (*Act 26, 22-27*)» (*Amigos de Deus*, 270).

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga